26 de abril de 2012: perguntas que possam interessar aos alunos do Seminário de Filosofia.

Pergunta: Para que uma filosofia hoje? Qual seria a utilidade de uma filosofia para o indivíduo? A filosofia pode ajudar a me compreender e a compreender a minha própria realidade?

Resposta: Um aspecto é a utilidade da filosofia para a sociedade e para a cultura em geral, sendo uma questão extremamente complicada e que talvez não seja nem da minha competência. Mas, quanto à utilidade para o indivíduo, em primeiro lugar é necessário perceber que a filosofia não se aplica a todas as pessoas, mas apenas àqueles que chegaram a um nível de perplexidade em que se requer um tratamento filosófico das questões. A maior parte das pessoas jamais chega a esse nível porque não tem a quantidade de informação adquirida da cultura ambiente para chegar a precisar de uma integração, de uma organização maior da sua visão do mundo. No geral, a visão do mundo (cosmovisão) é algo recebido da sociedade: o indivíduo já a recebe pronta e, melhor ou pior ainda, nenhum dos indivíduos que compõem a sociedade precisa tê-la completa. Cada um conta com alguém que saiba as partes faltantes. Então há uma série de convicções tácitas, não declaradas, que circulam por toda a sociedade e servem de base para o julgamento e até para as decisões na vida pessoal. Essas convicções fazem parte daquilo que Gramsci chamava de “o senso comum”, no sentido específico que ele dá a esta expressão. Para a maior parte das pessoas, esse senso comum é mais do que suficiente para servir de base às decisões. Mas, quando você começa a estudar, por exemplo, história, ciências etc., começam a surgir perguntas para as quais o senso comum não tem nenhuma resposta. Muitas vezes esses dados, essas informações, vão contra o senso comum, surgindo outro nível de perguntas que requer um tratamento mais sério, mais sistemático. Assim, uma das primeiras preocupações é quase instintiva: o Ser Humano procurar assegurar uma coerência ou uma integridade maior por meio da coerência do discurso. Quer dizer: você dispor as suas ideias de modo que elas pareçam se sustentar umas às outras, de modo que a coerência do discurso, a coerência da fala, pelo menos simule a unidade de uma cosmovisão do mundo mais ou menos organizada. Essa é uma primeira necessidade filosófica que um indivíduo possa sentir. Se ele continuar na mesma investigação, pode ocorrer que a própria ideia de discurso coerente seja colocada em questão: investigando-se a própria coerência de um discurso; indagando se é possível um discurso uniformemente coerente, e assim por diante. Mas, qualquer que seja o caso, o indivíduo está buscando uma nova ordenação, uma nova ordem interior porque ele sente que a cosmovisão que lhe repassaram, a cosmovisão que ele tem do mundo não é uma ordem, mas uma desordem. Assim, buscar na sua própria alma um princípio unificador: essa é a inspiração da filosofia desde o início. É a inspiração dos pré-socráticos, de Sócrates e Platão, ainda reaparecendo de tempos em tempos na história da filosofia. Isso não tem relação com a vocação para o sujeito estudar filosofia numa faculdade, que é o desejo de realizar determinado papel social: integrar-se num determinado grupo social que terá, então, legitimidade para exercer determinada atividade. Isso não tem nada a ver com a vocação originária, própria da filosofia. Uma coisa pode coincidir com a outra ou podem estar totalmente separadas.

Pergunta: Quais são os meios que nós teríamos para buscar essa coerência no discurso que permitisse essa essa integração, essa unidade na alma do indivíduo?

Resposta: Não podemos confundir a verdadeira ordem interior da consciência com a ordem do discurso. Em primeiro lugar porque seria impossível você abarcar a totalidade das concepções, símbolos e representações que tem na sua alma e transformá-las todas em um discurso coerente do começo até o fim. Isso é impossível. Os discursos sempre serão parciais, expressando partes da sua visão de mundo. Também, o discurso pode não ser coerente internamente e estar, inclusive, em conflito (incoerente) com o restante da sua visão de mundo. Então, o que a filosofia busca não é, em primeiro lugar, um discurso coerente, mas uma ordem na alma. Ordem é uma coisa, coerência é outra: a coerência é um aspecto da ordem, é um símbolo da ordem. Digamos: um discurso coerente representa uma ordem mas não quer dizer que ele seja, necessariamente, uma ordem. Um discurso baseado em premissas absurdas, totalmente delirantes, pode possuir coerência interna. Há uma coerência lógica mas não uma coerência existencial, na qual o indivíduo possa confiar. Assim, a inspiração originária da filosofia não é um discurso coerente, de maneira alguma, embora a constatação das incoerências do discurso público vigente possa ajudar nessa busca. Nesse sentido, um treinamento lógico, dialético, tem mais uma utilidade negativa, crítica, do que construtiva, edificando uma visão do mundo totalmente coerente. A questão da ordem da alma é um problema monstruosamente sério que o indivíduo tem que se colocar. É quando ele sente de fato que não há autoridades nas quais ele possa confiar, que ele possa seguir. Então, não por um desejo de dependência, ou algo que o valha, mas levado pela necessidade, conseguirá perceber: bom, já que ninguém está me ensinando, me explicando a realidade, vou ter que buscar a explicação por mim mesmo, sem a garantia de poder encontrá-la. Mas esse próprio esforço, mesmo que ele não seja coroado de sucesso, já é em si mesmo um princípio ordenador, na medida em que a busca da verdade no interior da sua alma e na situação da vida. É um condutor que pode se transformar no aspecto principal, predominante da sua personalidade, sendo investigadora da verdade. Isso é exatamente um filósofo, quer dizer, por isso foi chamado de filósofo: alguém que ama a sabedoria e que a deseja. Não a possui necessariamente, embora possa dominá-la em algumas partes. Então, esta ideia da busca da verdade, quando não é usada só como um símbolo ou um slogan, quando ela é vivenciada de uma maneira séria, é a base de estruturação da personalidade do filósofo e corresponde exatamente, segundo nos ensinou recentemente o Papa Bento XVI, ser o sentido essencial da virtude da castidade ou pureza. Normalmente cita-se castidade e já se pensa em sexo, mas isso já uma versão diminuída da coisa. Castidade como pureza, veracidade, genuinidade, autenticidade da intenção. Se você quer uma definição da filosofia é essa: a prática da virtude da castidade.